

Relatório de viagem

Missão oficial com ônus para a Câmara dos Deputados
Participação no 17º Congresso Mundial de Saúde Pública.
Roma, Itália, de 2 a 6 de maio de 2023.

Viajei para participar do 17º Congresso Mundial de Saúde Pública (17º WCPH), no dia 30 de abril, partindo de Salvador, com escalas em Guarulhos (SP) e Madrid, chegando na noite do dia 1º de maio em Roma, local do Congresso. Hospedei-me no Ginevra Palace Hotel, na Via di San Giovanni della Croce, 35, 00166 – Roma.

O evento foi organizado pela Federação Mundial de Associações de Saúde Pública (WFPHA), em conjunto com a Sociedade Italiana de Higiene, Medicina Preventiva e Saúde Pública (SItI) e a Associação de Escolas de Saúde Pública da Europa (ASPHER) e reuniu mais de 3 mil pesquisadores, gestores, estudantes e trabalhadores da saúde. Todas as atividades do Congresso, tais como workshops, apresentações científicas, plenárias, debates, etc ocorreram no Ergife Palace Hotel (Largo Lorenzo Mossa, 8 – Roma).

O tema do Congresso – **“Um mundo em turbulência: oportunidades para focar na Saúde Pública”** – reflete o cenário atual e indica à comunidade da saúde global a necessidade de promover a equidade e buscar um futuro mais sustentável. De fato, as entidades organizadoras do Congresso ressaltam que “o congresso coincide com uma conjuntura crítica para o planeta: além da pandemia de Covid-19, que atingiu toda a humanidade – exacerbando as iniquidades e servindo como alerta para um modo de produção insustentável -, há conflitos, da Ucrânia ao Afeganistão, da Síria à Etiópia, que desestabilizam o mundo, e causam consequências devastadoras para aqueles diretamente envolvidos. Juntamente com a pandemia e as guerras, também há a constatação de que os efeitos da mudança climática não foram mitigados”. A edição anterior do WCPH foi realizada de modo virtual devido à pandemia.

O dia 2 de maio foi todo ocupado com plenárias da “Società Italiana di Igiene, Medicina Preventiva e Sanità Pubblica (SItI) e não o Congresso Mundial, propriamente dito.

Atendendo ao convite do Conselho de Cidadãos Brasileiros de Roma, coordenado pela Srª Edilene de Vasconcelos Giustini, neste dia 2, a partir das 14h, ministrei a palestra **“O SUS e o direito à Saúde no Brasil”**, cujo conteúdo segue em arquivo anexado. Esclareço que no contato inicial, no mês de março, o tema sugerido foi a “Saúde da Mulher”, mas posteriormente foi redefinido com um formato mais amplo, sobre o Sistema Único de Saúde. A palestra aconteceu no Auditório Guimarães Rosa, da Embaixada do Brasil em Roma, situada na Piazza Navona.

Nos dias 3, 4 e 5 de maio, os trabalhos do 17º Congresso Internacional de Saúde Pública iniciavam a partir das 9h e se estendiam até às 19h, com intervalos para as refeições e coffee break. No dia 6 de maio, último dia do



congresso, foram até 13h com a cerimônia de encerramento. As atividades ocorriam simultaneamente em cerca de 15 salas/plenários e era preciso escolher qual assistir.

Destaco o workshop *“100 million Brazilian Cohort and the Cidacs Birth Cohort: Record linkage national data resources”* do dia 05 de maio, das 12h30 às 14h, como muito interessante pelo conjunto populacional abrangido e pelo cruzamento de vários dados cadastrais relativos à saúde e à condição sócio econômica dos brasileiros.

No sábado, dia 6 de maio, destaco o workshop *“Social and environmental determinants of health inequalities”*, que aconteceu das 10h às 11h30. Esse estudo apresentado pela Dr^a Débora Malta, da UFMG e pelo Dr. Maurício Barreto do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde (CIDACS) da Bahia, mostrou que os fatores de risco para as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) aumentaram no Brasil a partir de 2015 e se exacerbaram nos últimos quatro anos. Os objetivos deste estudo consistem em monitorar as tendências e as projeções das metas de fatores de risco e proteção para o enfrentamento das DCNT nas capitais brasileiras e também verificar se a crise econômica e as políticas de austeridade interferiram no comportamento dessas metas.

O encerramento do 17º WCPH foi no dia 6 de maio trazendo a convicção de que as crises vividas podem servir como oportunidade para defender e criar melhores sistemas de proteção social, promover a saúde para todos e preparar-se para os desafios de futuras pandemias ou crises globais.

Declaração final do 17º Congresso – 6 de maio de 2023

“Um mundo em turbulência: oportunidades para focar na saúde pública”. O surgimento de um novo coronavírus em 2019 mudou nosso mundo de maneiras que poucos poderiam imaginar. Logo se espalharia para quase todas as partes do mundo. Milhões morreriam, a vida cotidiana pararia e os governos tomariam medidas antes inimagináveis. Esses eventos reverteram melhorias de longa data na saúde global, impactando desproporcionalmente aqueles que já estavam em desvantagem.

A pandemia de COVID-19 é apenas uma manifestação do que foi descrito como uma *sindemia*. Múltiplos fenômenos interconectados representam ameaças sem precedentes à saúde em todo o mundo. O aquecimento global está mudando nosso mundo, criando escassez de água, expandindo desertos e causando eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes, como furacões, ondas de calor e inundações. Conflitos e guerras, muitas vezes motivados pela busca pelo controle de recursos naturais valiosos e desenvolvimentos geopolíticos mais amplos, são comunidades devastadoras. A resultante escassez e insegurança alimentar, o deslocamento de populações e a perda de biodiversidade criam as condições ideais para que novos microrganismos surjam e se espalhem. Pela primeira vez na história, a atividade humana está ameaçando a sobrevivência de nossa espécie.

A pandemia da COVID-19 lançou luz sobre as fraturas profundas que enfraqueceram nossas sociedades. Sempre há aqueles prontos para explorar uma crise, os aproveitadores, funcionários corruptos e vendedores ambulantes de desinformação. Enquanto a maioria dos políticos e da mídia comemoram os



sinais de riqueza crescente, eles ignoram aqueles que ficam para trás. As pessoas muitas vezes efetivamente invisíveis, levando vidas precárias, com muitos grupos, muitas vezes definidos por gênero, idade, sexualidade, etnia ou situação migratória, incapazes de fazer valer os direitos que acreditávamos serem universais.

A pandemia revelou muitas fragilidades institucionais. Isso ficou especialmente claro nos acordos comerciais e financeiros globais, como o TRIPS, que protegem os monopólios de patentes e deixam muitos países do sul global incapazes de se beneficiar de inovações como as vacinas recém-desenvolvidas.

O aumento da difusão, durante a pandemia, de “notícias falsas”, desinformação e infodemias relacionadas à saúde e interpretações incorretas de informações de saúde impactaram negativamente a saúde mental das pessoas, aumentaram a hesitação vacinal e atrasaram a prestação de cuidados de saúde.

Nosso mundo está em crise. No entanto, existem oportunidades. A pandemia, no entanto, forneceu motivos para otimismo.

A comunidade científica aceitou o desafio, trabalhando acima dessas divisões para abordar problemas de saúde e bem-estar. Os profissionais de saúde pública forneceram orientações sobre medidas preventivas e compartilharam informações sobre como responder à doença à medida que ela se espalha globalmente. Sistemas de vigilância e rastreamento de contatos de alta qualidade foram implementados, com sequenciamento genômico de alto volume que nos permite rastrear a pandemia em tempo real. Os ensaios clínicos passaram do projeto ao recrutamento em poucos dias, fornecendo evidências vitais sobre o que funcionou e o que não funcionou. Vacinas inovadoras foram desenvolvidas em tempo recorde. Os profissionais de saúde, muitas vezes lutando contra doenças e exaustão, redesenharam os modelos de atendimento, enquanto muitos outros trabalhadores essenciais em educação, assistência social e logística encontraram novas formas de trabalhar.

Essas oportunidades, e a esperança que elas oferecem, aparecem fortemente no 17º Congresso Mundial de Saúde Pública (WCPH), organizado pela WFPHA, ASPHER e SItI, que forneceu um cenário para a comunidade global de saúde pública se reunir para buscar uma vida mais brilhante e futuro para todos.

Em primeiro lugar, fomos lembrados da importância de promover a equidade. Como profissionais de saúde pública, devemos sempre lembrar nosso papel de dar voz aos pobres, marginalizados e discriminados.

Em segundo lugar, vimos que a ação agora é urgente. Já estamos vendo sinais de que estamos atingindo pontos críticos tanto na vulnerabilidade à rápida transmissão global de doenças infecciosas quanto nos impactos da crise climática manifestada no derretimento das calotas polares e risco de perda de florestas tropicais. Simplesmente não podemos atrasar. Como humanidade, devemos desenvolver novos relacionamentos e formas de trabalhar uns com os outros e com os animais e plantas com quem compartilhamos este pequeno e vulnerável planeta, relacionamentos que se baseiam em nossa dependência mútua e criam soluções equitativas e sustentáveis para as gerações futuras.

Em terceiro lugar, vimos como, mesmo nas crises mais graves, nem todos estão do mesmo lado. Muitos de nossos problemas atuais decorrem do exercício do poder de certos interesses financeiros e políticos. Esses grupos trabalharam para garantir que não prestem contas em um sistema de governança global



enfraquecido. A comunidade de saúde pública não pode deixar de lutar para expor e combater aqueles que usam seu poder para ameaçar a saúde.

Em quarto lugar, fomos lembrados da importância da paz, que, como observou a Carta de Ottawa, é um pré-requisito fundamental para a saúde. A escala de sofrimento humano criada pelos conflitos contemporâneos deve levar a uma nova ordem internacional que possa responsabilizar os agressores e prevenir futuras disputas. Isso é mais importante do que nunca, pois alguns países reverteram o progresso anterior na redução da ameaça nuclear.

Em quinto lugar, devemos aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pelo progresso científico. Isso inclui avanços tecnológicos para medidas preventivas, vacinas, tratamentos e a revolução digital, com seu escopo para novas abordagens de coleta, síntese e uso de dados, garantindo as salvaguardas necessárias para evitar abusos que podem levar à iatrogenia, violação de privacidade e desinformação.

Em sexto lugar, devemos combater as falsas informações sobre saúde e seus determinantes. Os efeitos da infodemia e da desinformação on-line sobre saúde podem ser combatidos “desenvolvendo políticas legais, criando e promovendo campanhas de conscientização, melhorando o conteúdo relacionado à saúde na mídia de massa e aumentando a alfabetização digital e de saúde das pessoas”, conforme destacado pela OMS.

Em sétimo lugar, queremos sublinhar o papel essencial dos agentes de promoção da saúde na consecução do objetivo da saúde em e para todas as políticas, como parte do indispensável enfoque interdisciplinar e multissetorial. Damos especial atenção à promoção da saúde e à construção de ambientes físicos e sociais que protejam e promovam a saúde para ter comportamentos saudáveis, habitação saudável e segura e garantir acesso adequado aos cuidados de saúde.

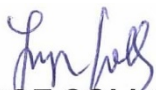
Finalmente, a natureza sindêmica das crises de saúde contemporâneas exige que nós, como profissionais de saúde pública, trabalhemos juntos em todos os setores, buscando oportunidades para obter co-benefícios onde todos ganham e enfrentar melhor os desafios atuais. Esta é a única maneira de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável essenciais para a sobrevivência.

Seja em nível global, nacional ou local, a comunidade de saúde pública tem se dedicado intensamente a abordar questões de saúde e o combate à pandemia do COVID-19 foi um exemplo dessa dedicação. Nos serviços de saúde, os profissionais de saúde pública têm orientado medidas protetivas e preventivas. Nas Universidades e centros de pesquisa, eles têm formado pessoas e produzido conhecimento essencial para superar a situação crítica. Nas organizações não-governamentais, os profissionais de saúde pública mobilizaram os cidadãos e defenderam a equidade na saúde. Em todos os lugares, sabemos que a saúde pública é eminentemente política.

A 17ª WCPH permitiu que profissionais de saúde pública de todo o mundo se reunissem para compartilhar experiências, destacar os aprendizados e progressos alcançados, documentar competências emergentes e focar nas lições aprendidas para o futuro. Além disso, há tanto em jogo que intensificaremos nossos esforços para proteger as pessoas e o planeta, promovendo o conhecimento, a pesquisa, a educação e a prática em saúde pública e defendendo a paz, a saúde e o desenvolvimento sustentáveis e equitativos.”



Parti de Roma às 18h55 do dia 6 de maio, com escalas em Madrid e Guarulhos (SP), até chegar em Salvador na tarde do dia 7 de maio. É o meu relatório.



JORGE SOLLA

Deputado Federal (PT-BA)

